

# CULTURA E TÉCNICA

IV

de ÁLVARO SALEMA

A cultura é um factor social de extrema densidade. É um conteúdo em que se fundem largamente tôdas as essências da alma humana no que elas têm de mais propriamente humano. Quanto às relações da cultura e da técnica apenas importa apresentar neste esboço alguns aspectos dessa conformação; e primacialmente dois, que me parecem fundamentais: a propriedade e a religião.

Ambas disciplinas tradicionais do homem no decurso da sua experiência social, atingem a todos tanto na permanência como nas transformações. Mais ao agricultor vulgar e ao pequeno burguês, que realizam no plano moderno funções sociais antiquíssimas, do que ao operário industrial, naturalmente desenraizado e livre. As suas funções podem exercer-se em todo o mundo onde se trabalhe, sem diferença sensível de ambiente técnico e moral. A sua psicologia de profissões dispensa facilmente as dimensões restritas de nação, de propriedade ou de crença.

A civilização técnica tem assim um homem tipo, com uma alma objectivamente livre, despendido dos laços concretos que impõe a propriedade da terra ou a propriedade mobiliária fundada na posse individual dos meios de trabalho.

As virtudes atribuídas à propriedade seriam incompreensíveis, diz Georges Sorel, sem as virtudes engendradas por uma certa maneira de trabalhar.

Os místicos do regresso ao artesanato, quando observam o problema da propriedade em relação à técnica contemporânea, ocupam-se quasi exclusivamente na defesa das virtudes do trabalho agrícola e, de preferencia, quanto ao seu valor estético. Um místico dispensa comodamente as perspectivas concretas da actividade prática; a abstracção é exaltadora e por ela se pode ver clara e radiosa uma verdade de sombrios pormenores.

Reparando bem, observa-se, como o fez Sorel, que as reais virtudes do camponês são aquelas que mais se destacam num trabalho mecânico compreendido racionalmente — virtudes de observação e de raciocínio, curiosas das inovações e dos aperfeiçoamentos. No camponês de sempre, nunca elas ultrapassam o espaço estreito em que se manifestam. O trabalho agrícola, na sua forma clássica, tem princípios, meios e fins de esquemática regularidade; está submetido às contingências do clima e da terra, torna precária e imprevisível a função prática do cultivador, obrigando-o mais a esperar do que a impôr.

A técnica, pelo contrário, é toda ela um acto de vontade e de consciência. Alargá-las a um sentido moral, dar-lhes mais responsabilidade e convicção do útil, é uma missão social que o tempo há-de cumprir.

O que exalta o homem não é a posse dos meios de produção — é a maneira como os utiliza e os fins que se propõe. Quere dizer que as virtudes da propriedade não são realmente da propriedade mas do destino humano que se oferece aos instrumentos da terra ou da mecânica.

Pelo que respeita à religião, tem-se insistido secularmente em que ela é o factor dominante, para a pessoa, numa concepção humanitária da vida e num sentido moral da inteligência. O homem-tipo da civilização técnica vive profissionalmente numa sugestão contínua do concreto. A imaginação não lhe pede devaneio mas utilidade; não lhe pede as humildes virtudes da abdicção e da indigência, mas a vontade imposta num ritmo certo e exacto ao elemento de linhas definidas que lhe é confiado.

Não pode ser um sensível da contemplação vaga. O que lhe exigem são as virtudes da decisão e do método, da clareza e da expectativa que *quere* e se afirma. A religião perde realmente o seu clima espiritual: o técnico é um conquistador votado às disciplinas racionais; aspira à justiça terrena com o mesmo exacto impulso do movimento mecânico. O mundo desenraiza-se das limitações que a economia

primitiva implicava; liberta-se da tendencia neutralizada que, além de certos limites, atirava para fora da vida e da terra as conseqüências e as responsabilidades da existencia.

Os olhos são já demasiado livres e sem veus. Despreza-se a solução mística das angústias de viver e a incerteza de uma esperança fundada no receio e na dúvida. As aspirações sobrehumanas vão para uma justiça social integralmente humana, em que a solidariedade não seja um mito da elegancia moral ou do delírio patológico dos santos, mas duma norma de decisões universais e positivas.

A aspiração moral de uma civilização técnica fundada na justiça social transita do indivíduo para a colectividade sem diminuir as possibilidades de exaltação interior do indivíduo. Quere dizer que extingue fortemente tôdas as inclinações para um egoismo que só ascende à caridade quando ela rende em esperanças de compensação. Há uma solidariedade imanente no próprio ritmo da vida comum que dispensa a solidariedade precária da expectativa da morte.

A ética da renúncia perde em valor social; e que importa esse declínio de uma moral declinante se o homem pode conquistar uma outra moral realizadora, de justiça, de altruismo e de cooperação?

Pode acusar-se ainda a técnica de conduzir a um hábito da vida fácil — atrofiar as virtudes feitas de exaltação e de excessivo querer.

Exprimi-u-o Guyau no «Ensaio de uma moral, sem obrigação nem sanção»: «Sinto em mim uma energia de vontade que há 13 séculos me teria feito um mártir. Actualmente, quer queira quer não, sou apenas um homem vulgar por falta de carrascos. Se o mundo tem por fim exclusivamente estabelecer o problema moral, devemos convir que a barbarie o estabelecia com muita mais fôrça que a civilização. Somos hoje bastante felizes para sermos profundamente morais.»

A profusão de carrascos continua ainda bastante consoladora no nosso tempo, valha a verdade. A civilização técnica poderá esgota-los pelo desembrêgo e assim fará perder o carácter de privilégio, realmente, àquela capacidade moral inerente aos heróis. O grande heroismo, porém, não é o dos grandes gestos e das atitudes supremas; é a superioridade que se afirma nas pequenas coisas, que engrandece os actos mais singelos da vida pela nobreza e pelo sacrifício, porque lhes dá um sentido humano, um valor de permanencia no bem. Essa é a santidade com heroismo, a que resiste ao declive e aos vícios da opressão e da violencia — a santidade de todos os dias que enobrece a vida real nas relações dos homens. A civilização da máquina, substituindo a intensidade pessoal no mérito pela extensão social, não diminui a exigência interior de santidade: faz dela uma forma de cultura que pode abarcar todos os homens, se ao mesmo tempo se fizer do trabalho uma forma parcial de sabedoria.

Só assim é possível a completa universalidade da educação moral, concedida outrora aos privilegiados da vida do espírito ou aos génios da intuição mística. Desenraizado dos interesses, desprendido da obsessão psicológica do lucro, alargado o mundo numa sincera fraternidade laboriosa e culta, a simpatia moral não encontrará limites no homem que se esforça por erguê-la a disciplina essencial da vida.

A humanidade foi, por muito tempo, uma espécie de símbolo teológico esgotante, forma secundária do amor de Deus. É um símbolo que para o homem de hoje e do futuro pede realidade e acção, que logo se exprime no esforço colectivo do trabalho; e libertando-o do egoismo particularista, oferece-lhe aquela finalidade superior que outrora se collocava como um mito no plano da vida extra-terrena.